

APRENDIZAGEM DA DISSIMULAÇÃO NO CONTO MACHADIANO "PONTO DE VISTA (QUEM DESDENHA)"

Ana Carolina Sá Teles
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do conto "Ponto de vista (Quem desdenha)", que é o último do livro *Histórias da meia-noite* (1873), de Machado de Assis. A presente abordagem dialoga com críticos que consideraram como aspectos relevantes da obra machadiana o desenvolvimento das motivações morais dos personagens, a imaginação deles, a maneira como dissimulam e a forma como se constituem subjetivamente. Tem-se em mente investigar as motivações de Raquel e como elas são relevantes para a constituição subjetiva da personagem.

Palavras-chave: conto; questão moral; constituição do sujeito.

Learning how to dissimulate in Machado de Assis' short story "Ponto de vista (Quem desdenha)"

Abstract: This essay offers a view on the short story "Ponto de vista (Quem desdenha)", which is the last title in Machado de Assis' book *Histórias da meia-noite* (1873). The present approach refers to critics who have considered major aspects of Machado de Assis' works, including the ones that follow: the characters development of moral motivation; their imagination; the way they mask themselves; and how they are composed as subjects. It is aimed at investigating the motivations of the character Raquel and how they are relevant to her subjective constitution.

Keywords: short story; moral issue; subject constitution.

Os contos da chamada primeira fase da obra machadiana foram recolhidos em dois volumes: *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873). Além desses contos reunidos em livro, há também muitos títulos avulsos por volta dos anos 1860 e 70. Neste artigo, abordarei o conto "Ponto de vista (Quem desdenha)", de 1873, que foi publicado pela primeira vez no *Jornal das Famílias*, tendo integrado posteriormente a segunda coletânea de Machado de Assis.

Para desenvolver a leitura do conto, tenho em mente o problema das motivações dos personagens. Outra questão a ser perseguida tangencia o desconhecimento que as

personagens têm de si, percebendo-se, em algum ponto da narrativa, diferentes de como se declaravam. Para essa abordagem, faço referência à leitura de José Luiz Passos, que apresenta como hipótese no primeiro argumento de seu ensaio que o objeto dos romances de Machado de Assis "é a composição das motivações de heróis e narradores, a importância da sua reminiscência e a imagem que o sujeito faz de si".¹

Outra ideia que tenho em perspectiva para a abordagem desse conto da década de 1870 provém da interpretação literária e psicanalítica desenvolvida por Cleusa Rios P. Passos a respeito de uma obra machadiana mais tardia: *Dom Casmurro*. Refiro-me principalmente ao momento em que Cleusa Passos defende que a fala do agregado José Dias tem desdobramentos relevantes para o romance na medida em que interpreta e revela saberes inconscientes ao menino Bento, no capítulo "A denúncia". Isto é, penso na forma como a fala de terceiros desengatilha no sujeito a busca pelo saber de seu próprio desejo, conforme analisou Passos.²

Assim, abordarei esse conto, que gira tipicamente em torno do casamento, como o fazem muitos outros contos de Machado da década 1870. Os objetivos são, portanto: perceber como se desenvolvem as motivações da protagonista Raquel em relação ao seu pretendente; como essas motivações se dão de forma contraditória; e como a fala de terceiros envolve-se de forma decisiva com o desejo da protagonista.

Ao analisar o conjunto de contos de Machado de Assis, Alfredo Bosi nota como um grande número desses textos, em especial, os contos anteriores a *Papéis avulsos* (1882), obedeceu às convenções em voga.³ Bosi considera os primeiros contos de Machado de Assis como "histórias de suspeita e engano", ou seja, uma forma de "pré-história da máscara" cujo uso se tornaria corriqueiro apenas a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. No entanto, o crítico nota que o delineamento da máscara como elemento narrativo machadiano já ganhava substância maior na coletânea *Histórias da*

¹ PASSOS, *Machado de Assis: o romance com pessoas*, p. 15.

² PASSOS, *As armadilhas do saber*, p. 32-45.

³ BOSI, *O enigma do olhar*, p. 75.

*meia-noite*⁴ em comparação à primeira coletânea de contos do autor, que havia sido publicada apenas três anos antes.

Outro ponto analisado por Bosi nesses contos é a desigualdade do *status* social e como ela pode ser superada pelo matrimônio ou pelo patrimônio, temas que estão em pauta nessas narrativas e que possuem relação estreita com a dissimulação:

Subjetivamente, o narrador acentua a composição necessária da máscara na pessoa do pretendente; e, como correlato mais provável, os sentimentos de decepção que o beneficiador acabará experimentando quando a máscara já não for tão necessária ao beneficiado e, por detrás dela, se divisar a ingratidão ou mesmo a traição.⁵

Veremos, em especial, como os temas do casamento e do engano – tanto no sentido de autoengano quanto no sentido de dissimulação – desenvolvem-se em "Ponto de vista (Quem desdenha)". O conto se apresenta em gênero epistolar, com cartas trocadas primeiramente entre Raquel, que está na corte, e Luísa, que está em Juiz de Fora; e, mais para o fim, entre o par romântico Alberto e Raquel. Não existe o recurso do narrador e a enunciação é dramática e dialógica, como no romance epistolar dos séculos XVIII e XIX, havendo a presença de lugares-comuns estabelecidos pelo romantismo.

Existem, contudo, momentos inusitados no conto que entremostam rupturas na protagonista Raquel em relação à escolha no matrimônio. Nesses momentos de "Ponto de vista (Quem desdenha)", o *logro* (palavra cara ao ensaio de Bosi) é deslocado para conflitos internos à protagonista, em vez de se desenrolar numa história de traição propriamente ou de ser colocado como interesse venal apenas. Interesse há, mas o que está nas entrelinhas das cartas é o interesse de Raquel em se casar e em não ser enganada (embora ela engane a si mesma e dissimule em sua comunicação).

A primeira carta do conto, datada de 5 de outubro, é de Raquel para Luísa P. Nela, apresentam-se personagens e situação. A destinatária Luísa, que se casou e mora na

⁴ "O narrador das *Histórias da meia-noite* já está em trânsito para um 'tempo' moral em que o que se julgaria cálculo frio ou cinismo (segundo a concepção de Alencar, por exemplo) começa a eleger-se como prática do cotidiano até mesmo no coração das relações primárias". *Idem*, p. 80.

⁵ *Idem*, p. 77.

provincia, é a melhor amiga de Raquel, que é solteira, fala dos pais e mora na Corte. O primeiro assunto da carta são as encomendas que Raquel espera de Luísa. Outro assunto que aparece no começo é o "portador". Raquel comenta também sobre o recolhimento do pai, a doença da mãe e tem expectativas de que a amiga esteja grávida.⁶

A segunda carta, datada de 15 de outubro, toca no tema do casamento já no primeiro parágrafo, por via indireta, ao falar sobre o marido de Luísa. O segundo parágrafo retoma o tema das encomendas e do portador. Já no terceiro parágrafo, a alusão ao casamento é direta.

A postura de Raquel nas cartas parece inquisitória e ela espera muito da parte de Luísa. A espera, aliás, surge como tema relevante no conto. Raquel pergunta à amiga sobre o portador, sobre uma gravidez e sobre cartas – elementos pelos quais anseia. A partir dessa cadeia de significantes, podemos analisar as motivações de Raquel. A escrita trai a protagonista por revelar informações que fogem de seu controle, além de tomar parte na constituição da personagem por meio do desenvolvimento de um estilo.

Dessa forma, detalhes das cartas podem ser expandidos em significado. As primeiras frases do conto, por exemplo, estão em posição de destaque e podem ser analisadas de forma especial: "Não me dirá a quem entregou você as encomendas que lhe pedi? Na sua carta vem mal escrito o nome do portador, e até hoje nem sombra dele, quem quer que seja. Será o Luís?"⁷

Perguntar sobre o portador na abertura do conto significa perguntar sobre um homem de confiança. O desejo de Raquel de saber quem é o portador abre margem para a pergunta ser genericamente interpretada como a pergunta sobre a identidade de um homem que se quer descobrir. Em termos amplos, podemos interpretar a indagação de Raquel como indicativa do desejo de um pretendente. Na segunda carta, por exemplo, podemos perceber mais uma vez a impaciência da protagonista em relação ao portador, já que as encomendas chegariam no dia seguinte:

⁶ ASSIS, *Obra completa em quatro volumes*, p. 223.

⁷ *Ibidem*.

Vieram as encomendas logo no dia seguinte da última carta. E que quer você que eu lhe mande? Tenho aqui uns figurinos recebidos ontem, mas não há portador. Se puder arranjar algum por estes dias irá também um romance que me trouxeram esta semana. Chama-se *Ruth*. Conhece?⁸

Novamente a ideia do portador aparece, mas desta vez ligada aos significantes "figurino" e "romance". A ausência do portador significa a impossibilidade de enviar tanto os figurinos, os moldes de roupas que esperam para ser executados, quanto o romance à espera de ser lido. O trecho reforça a possibilidade de interpretação da ansiedade de Raquel quanto ao portador como indicativa da busca por um pretendente. Compreendemos que a protagonista depende do portador tanto para passar adiante os "figurinos", palavra que pode ser interpretada como *status* social, quanto para passar adiante o "romance", significante que alude ao amor romântico. Em suma, os dois significantes, apesar de na carta terem como significado detalhes triviais, indicam, de forma espectral, a espera de alguém que possibilite o matrimônio.

O romance que Raquel cita, *Ruth*, de Elizabeth Gaskell,⁹ trata da história de uma mulher na era vitoriana que tem um filho ilegítimo. Ademais, no emprego dos dois nomes no conto, há também a referência intertextual discreta a nomes bíblicos. Raquel é uma personagem bíblica geralmente lembrada por ter sido traída pela ganância do pai, mas também por ter sido a esposa preferida de Jacó. Em razão da infertilidade, Raquel foi associada igualmente ao ciúme e à impaciência.¹⁰ Ruth, por sua vez, foi uma personagem-símbolo da submissão e da lealdade, por ter se convertido em Israel, ao acompanhar Naomi, e por ter sido ancestral de Davi.¹¹ As referências remetem, portanto, à história de mulheres envolvidas com temáticas como sexualidade, casamento e maternidade, de um ponto de vista patriarcal, contudo.

No terceiro parágrafo da carta número II, a questão do casamento surge finalmente de forma explícita. Raquel escreve:

⁸ *Ibidem*.

⁹ GASKELL, *Ruth*.

¹⁰ *BÍBLIA*, p. 35-38.

¹¹ *Idem*, p. 287, 288, 290.

A Mariquinhas Rocha vai casar. Que pena! Tão bonitinha, tão boa, tão criança, vai casar... com um sujeito velho! E não é só isto: casa-se por amor. Eu duvidei de semelhante coisa; mas todos dizem que tanto o pai como os mais parentes procuraram dissuadi-la de semelhante projeto; ela porém insistiu de maneira que ninguém mais se lhe opôs.¹²

Logo em seguida, lemos o trecho em que, pela primeira vez, Raquel menciona Alberto, seu futuro par:

Antes, mil vezes antes, casasse ela com o filho do noivo; esse sim, é um rapaz digno de merecer uma moça como ela. Dizem que é um bandoleiro dos quatro costados; mas você sabe que eu não creio em bandoleiros. Quando uma pessoa quer vencer o coração mais versátil deste mundo.¹³

A partir da carta de 15 de outubro, portanto, Luísa "denuncia" Raquel, ao fazer referência sobre o assunto da paixão por Alberto. Na edição do conto em livro, não lemos as palavras da amiga Luísa, apenas a reação de Raquel na carta de 30 de outubro:

Muito velhaca é você. Então porque lhe falei duas ou três vezes no rapaz, imagina logo que estou apaixonada por ele? Papai nestes casos costuma dizer que é falta de lógica. Eu digo que é falta de amizade. [...] Não, Luísa, eu nada sinto por esse moço, a quem conheço de poucos dias. Falei nele algumas vezes por comparação com o pai; se eu estivesse disposta a casar-me, certamente que preferia o moço ao velho. Mas é só isto e nada mais.¹⁴

A construção discursiva de Raquel aponta no sentido da "denúncia" da amiga: os elogios a Alberto; a menção a ele como bandoleiro; e, logo em seguida, a menção à possibilidade de vencer os corações versáteis como expressão do desejo nascente de vencer um deles. Também Raquel se coloca no lugar de Mariquinhas e, nessa posição,

¹² ASSIS, cit., p. 223.

¹³ *Idem*, p. 223-224.

¹⁴ *Idem*, p. 224.

escolhe Alberto. Outro dado é que Raquel comenta a aprovação de seu pai em relação a Mariquinhas:

Papai muito aprovou a escolha dela; faz-lhe muitos elogios como pessoa de juízo, e chegou a dizer que eu devia fazer o mesmo. Que lhe parece? Eu, se tivesse de seguir algum exemplo, seguia o da minha Luísa; essa sim é que teve dedo para escolher... Não mostre esta carta a seu marido; é capaz de rebentar de vaidade.¹⁵

A menção do pai traz ares de insinuação edípica.¹⁶ Ou seja, Mariquinhas Rocha, a menina caracterizada como melancólica, que é obstinada desde o sobrenome, casa-se com um homem velho, que poderia ser seu pai. Assim, Raquel deveria fazer o mesmo, segundo a fala paterna. No entanto, é Luísa que Raquel escolhe como mentora. Nessa relação de amizade, portanto, a interpretação que Luísa faz das intenções da amiga a influencia muito e, de fato, as sugestões que Luísa faz sobre Alberto terão desdobramentos.

Estabelece-se, a partir de Raquel, para Luísa uma espécie de deslocamento das figuras materna e fraterna. Assim, Raquel teme ou recusa os julgamentos de Luísa, mas sem deixar de admirá-la (como está patente no elogio ao marido). Lembremos, por exemplo, as diversas e ansiosas demandas de Raquel a Luísa: que a última lhe diga o nome do portador; que lhe escreva cartas grandes, não bilhetinhos; que pense na amiga, não no marido; que lhe mande um portador; que visite a Corte; que tenha um nenê etc.

As conversas com Luísa adquirem uma dinâmica com uma figura materna ou fraterna que é vicária. Portanto, o diálogo entre as personagens contém simultaneamente admiração e rivalidade. Raquel tanto recusa o que Luísa interpreta de suas motivações

¹⁵ *Ibidem.*

¹⁶ Uma das primeiras defesas do complexo de Édipo foi inserida por Freud em *A interpretação dos sonhos*, em 1900: "Essa suposição é confirmada, com uma certeza que não deixa margem a dúvidas, no caso dos psiconeuróticos, quando sujeitos à análise. Com eles aprendemos que os desejos sexuais de uma criança – se é que, em seu estágio embrionário, eles mereçam ser chamados assim – despertam muito cedo, e que o primeiro amor da menina é por seu pai, enquanto os primeiros desejos infantis dos meninos são pela sua mãe. Por conseguinte, o pai se transforma num rival perturbador para o menino, e a mãe, para a menina; e já demonstrei, no caso dos irmãos e irmãs, com que facilidade esses sentimentos podem levar a um desejo de morte. Também os pais dão mostras, em geral, da parcialidade sexual: [...]". FREUD, *A interpretação dos sonhos*, p. 258.

quanto adere à leitura do desejo proposta pela amiga, noivando, no fim do conto, com o "bandoleiro dos quatro costados"¹⁷, Alberto.

Nos "Romances familiares" (1909), Freud cita as fantasias comuns de substituição de pais na vida infantil, mas antes como uma forma de vingança em relação aos pais originais do que como desprezo efetivo. A vingança, no caso, alimenta-se da negligência que alguma vez a criança sentiu ou imaginou sentir. As fantasias vão desde a substituição por pais melhores à imaginação de casos de traição entre os pais e de ilegitimidade dos filhos e irmãos. Freud assim conclui:

Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai parecia o mais nobre dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. [...] O estudo dos sonhos nos fornece uma contribuição interessante ao assunto. Da interpretação dos mesmos concluímos que mesmo em anos posteriores, se o Imperador e a Imperatriz aparecem em sonhos, tais nobres personagens representam o pai e a mãe do sonhador. Assim, a supervalorização dos pais pela criança sobrevive também nos sonhos de adultos normais.¹⁸

Raquel coloca-se, por exemplo, numa posição oposta à de Luísa, como expresso na carta de 27 de novembro, quando a amiga da província está finalmente grávida. Assim, além de considerar como calúnia a alusão que Luísa havia feito de que Raquel e Alberto namoravam, a protagonista afirma:

A nossa divergência tem natural explicação. Eu sou uma moça solteira, cheia de caraminholas, sonhos, ambições e poesia; você já é uma dona de casa, esposa tranquila e feliz, mãe de família dentro de pouco tempo; vê a coisa por outro prisma.¹⁹

Nesse sentido, podemos recorrer justamente à fonte de provérbios inscritos no conto como chaves de leitura. O primeiro título do texto, no *Jornal das Famílias*, era

¹⁷ ASSIS, p. 223- 224.

¹⁸ FREUD, "Romances familiares", p. 246-247.

¹⁹ *Idem*, p. 226.

"Quem desdenha", no qual há, portanto, alusão ao provérbio "quem desdenha quer comprar". Também Raquel, ao escrever a Luísa, cita outro adágio: "Eu podia agora fazer-lhe uma dissertação a respeito do amor; mas retraio a pena por me lembrar que iria ensinar *padre-nosso* ao vigário".²⁰

"Ponto de vista", no conto, quer dizer divergência de opiniões. Assim, o título adquire relação com a polifonia do texto, pois no mínimo três vozes diferentes estão em evidência nele, a partir da correspondência trocada entre três "pontos de vista" diferentes: o de Luísa, o de Raquel e o de Alberto.

Contudo, "ponto de vista" sugere, para além da desigualdade entre os personagens, uma forma de acesso à desigualdade dentro de uma personagem apenas, que é Raquel. Ou melhor, de um ponto de vista externo, Luísa, numa espécie de triangulação, pode entrever as motivações que Raquel tenta encobrir. Luísa permite uma visão de Raquel que vai além do desdém superficial do amado que a protagonista expressa. Esse desdém, aliás, chama atenção pela ênfase, assim como no adágio que diz "quem desdenha quer comprar". Nesse sentido, torna-se relevante também a inscrição do provérbio do vigário. Raquel desloca para a figura de Luísa uma função de autoridade, como se a última fosse sua mãe, ou conselheira vigária, que pode ajudar na interpretação de si.

Luísa, mãe vicária (como o vigário do padre-nosso), na tentativa de ler as cartas da amiga, lê também suas intenções.²¹ A leitura depende de uma atenção à seleção dos

²⁰ *Idem*, p. 230.

²¹ A ideia do olhar da mãe como uma leitura que engendra a constituição do desejo na criança foi abordada pela psicanalista e crítica literária Lucia Serrano Pereira em *Um narrador incerto entre o estranho e o familiar*, estudo que aborda *Dom Casmurro*, romance no qual o tema do olhar oblíquo é de suma importância. Pereira recorre a Bergès e Balbo: "Há certas mães, segundo Bergès, que, em relação ao corpo de seus filhos, não olhariam obliquamente, mas sim diretamente, procurando então 'adivinhar' o que se passa ali. De outra maneira, um olhar oblíquo, o que ele vai permitir é algo como uma 'leitura', relaciona-se aqui um olhar em alguma medida 'sublime' na relação com o oblíquo". PEREIRA, *Um narrador incerto, entre o estranho e o familiar*, p. 65.

Lucia Serrano Pereira relaciona essa interpretação angulada do desejo com o mito de Perseu, no qual a Medusa representa o inconsciente, instância à qual nunca temos acesso por via direta, necessitando, portanto, sempre de algum *viés* para poder tocar-lhe: "Se lembramos o mito de Perseu e Medusa, temos a indicação de que se o herói olhasse para a górgona diretamente, assim como todos os outros, sucumbiria, transformado em pedra. Seria o olhar de frente o que convocaria, de alguma maneira, o *estranho*. Esse olhar sem mediação, que pode produzir a irrupção do real no imaginário. Para enfrentá-la ele precisa de um olhar de lado, vê a imagem refletida, então tem algo do especular, mas é ao mesmo tempo angulado, o que lhe permite salvar-se". *Idem*, p. 67.

assuntos, ao encadeamento deles e à tonalidade nas cartas de Raquel. Ponto de vista, no conto, funciona como o lugar de onde vem um olhar. Não se trata de objetividade, mas sim de uma subjetividade formada a partir do olhar de terceiros. Trata-se de um olhar angulado porque originário de um lugar que é diferente ao do próprio sujeito.

Raquel, como boa ouvinte da missa do vigário, reconhece-se diferente em relação a Alberto e investe no romance, depois de ser sugestionada por Luísa. A partir desse primeiro engano na narrativa, que desestrutura a forma estereotipada como a protagonista se vê, ela aprende a dissimulação que exercerá mais para o fim do conto tanto em relação a Luísa quanto em relação a Alberto. Assim, Raquel continua negando à amiga que ama Alberto e ao pretendente finge indiferença.

Luísa adverte Raquel da dissimulação, por exemplo, quando, em carta de 15 de janeiro, avisa que vai à Corte:

[...] Ver-nos-emos, enfim depois de alguns meses de separação. Escrevo apenas para lhe dar esta notícia que você há de estimar decerto. E ao mesmo tempo o meu fim é preveni-la, a fim de que procure disfarçar na presença aquilo que me disfarça no papel.²²

Ademais, em carta de 8 de fevereiro, Alberto implora a Raquel:

Perdoe-me a audácia; peço-lhe de joelhos uma resposta que os seus olhos teimam em não me dar. Não lhe digo no papel o que sinto; não o poderia exprimir cabalmente. Mas o seu espírito há de ter compreendido o que se passa no meu coração, há de ter lido no meu rosto aquilo que eu nunca me atreveria a dizer de viva voz.²³

Reparemos também que o discurso de Alberto toca no tema da obliquidade necessária para a interpretação de desejos. Ou seja, ainda que repleta do chavão romântico, a fala de Alberto reconhece que precisa de um desvio, uma modulação escrita, no caso, para ter acesso a um conteúdo que cegaria se fosse abordado diretamente. Seu amor é apresentado como de costume no melodrama, em que não há palavras para a

²² ASSIS, cit., p. 228.

²³ *Idem*, p. 230.

descrição fiel dos sentimentos. Ainda assim, o personagem tenta revelá-lo, contornando-o pelas bordas e pedindo à amada uma interpretação de seu rosto. A resposta afirmativa de Raquel é dada antes do dia 8 de março (ou talvez no mesmo dia).

Portanto, há dois aspectos de logro no conto relativos à percepção de Raquel e à sua constituição como personagem. Num primeiro momento, Raquel deixa que suas palavras escapem-lhe e dá sinais para que a amiga leia nela o desejo de casamento justamente com o homem que desdenha. Num segundo momento, a personagem esconde suas motivações e dissimula para outros personagens.

Como mencionado, há a relevância do ponto de vista (que é ironicamente subjetivo) no conto, pois Raquel cai em autoengano. Um terceiro que é próximo ao sujeito vê a situação de outro ângulo, interpretando-a. Assim, a partir de seu "ponto de vista", Luísa lança provocações à amiga. Raquel é uma personagem que se forma, portanto, tendo em vista o desejo que o outro nela lê. Ou seja, o desejo que o outro interpreta e comunica. As motivações da personagem estão em pauta e têm grande relevância para a estrutura do conto. Assim, o texto pode ser lido como uma história epistolar sobre um noivado, mas também como uma história sobre as metamorfoses que se dão no "ponto de vista" de Raquel.

Em momentos posteriores, Raquel, que se forma a partir do logro de si mesma, aprende a dissimular – e este é o segundo tipo de logro presente no conto. Assim, no fim do texto, quando se lhe propõe o casamento, Raquel esconde na carta o nome do noivo, que era justamente o bandoleiro dos quatro costados descrito no início:

XXVII
D. LUÍSA A D. RAQUEL
Juiz de Fora, 22 de abril
Que cabeça! disse tudo menos o nome do noivo!

Luísa

XXVIII
D. RAQUEL A D. LUÍSA
Corte, 27 de abril
Tem razão; sou uma cabeça no ar. Mas a felicidade explica ou desculpa tudo. O meu noivo é o dr. Alberto.

Raquel

XXIX

D. LUÍSA A D. RAQUEL
Juiz de fora, 1º de maio
?!!!

Luísa.²⁴

O adágio "Quem desdenha quer comprar" aponta também para o aspecto comercial do consórcio. No título há apenas a inscrição da frase "quem desdenha" entre parênteses, suprimindo a característica venal do matrimônio, deixando-a, portanto, subentendida. Raquel chega a criticar em carta de 30 de outubro outro pretendente que frequentava sua casa pelo motivo único de que era rica.²⁵

Contudo, o engano articulado pelo interesse no patrimônio por meio de casamento ou de herança, rastreado nos contos machadianos por Alfredo Bosi, ganha em "Ponto de vista (Quem desdenha)" uma espécie de fechamento. Ou seja, nenhum dos personagens é enganado dessa forma e o noivado tem final feliz. Assim, há uma diferença de tratamento pela história quanto ao tema do engano, pois este é deslocado para operar em função das motivações e desejos de Raquel.

Dessa forma, o conto aborda um episódio sobre uma mudança na protagonista. Ou seja, apesar de constantemente voluntariosa, a Raquel impaciente da primeira carta não é exatamente a Raquel dissimulada das últimas missivas. Para tanto, ela conta com o diálogo da amiga. Assim, com a saída do autoengano e com a aprendizagem do uso da máscara nas relações familiares, ela passa a agir e a dissimular em função de seus desejos.

Em "Ponto de vista (Quem desdenha)", há o percurso de uma personagem que se modifica orientada pelas sugestões da amiga. A partir do que lhe escreve Luísa, Raquel muda sua percepção em relação aos outros e a si mesma. O ponto de virada da narrativa dá-se na assunção do romance por parte de Raquel. Ou seja, ocorre tanto uma mudança de ponto de vista da protagonista em relação ao seu pretendente quanto uma conquista sua em relação à aprendizagem do uso da dissimulação. O olhar, no caso, é uma via tanto de expressão das motivações das personagens quanto de descentramento. A partir de

²⁴ *Idem*, p. 234.

²⁵ *Idem*, p. 225.

olhares externos, a protagonista desvia seu próprio olhar, seja para uma percepção diferente da anterior, seja para dissimular.

O olhar e o desejo da personagem Raquel são aspectos relevantes no conto, assim como seu descentramento, que constitui um ponto de virada da narrativa. A protagonista não termina o conto como o inicia e, no título, há a indicação de que o assunto a ser observado será uma relativização. A edição em hipertexto na base *machadodeassis.net* leva como título apenas "Ponto de vista" e indica em nota que o primeiro título era "Quem desdenha".²⁶ Assim, os títulos enunciam: "reparem, leitores, na diferença de pontos de vista"; ou no caso do primeiro título, "reparem, leitores, em como Raquel desdenhava em falso". A própria mudança de um título para outro sugere a necessidade de conceder um enfoque maior para a angulação do olhar e dos desejos.

* * *

Referências:

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, volume 2.

ASSIS, Machado de. "Ponto de vista". *Romances e contos em hipertexto*. Disponível em: <http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/historiasdameianoite.htm>. Acesso em: março de 2014.

BÍBLIA Sagrada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. *Romances familiares. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 9, 1976.

GASKELL, Elizabeth. *Ruth*. Oxford University Press, 2011.

²⁶ ASSIS, "Ponto de vista". *Romances e contos em hipertexto*.

PASSOS, Cleusa Rios P. *As armadilhas do saber*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Nankin, 2007.

PEREIRA, Lucia Serrano. *Um narrador incerto, entre o estranho e o familiar – a ficção machadiana na psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2004.

Ana Carolina Sá Teles é doutoranda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) com o projeto "Personagens machadianas em Ressurreição, Helena e D. Casmurro: entre caráter e diferença". Realizou mestrado em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) entre 2010 e 2013 sobre "Questão moral e constituição do sujeito em contos de Machado de Assis", sob orientação do Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães (USP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Graduada e Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) e pela Faculdade de Educação (USP). E-mail: anacarolinateles2009@gmail.com

Recebido: 15.03.14
Aprovado: 16.04.2014